



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1267

## A CANTORIA DE SANTINHO NO POVO NOVO – RS: DO IMAGINÁRIO AO PATRIMÔNIO

Alexandre da Silva Borges  
(Universidade Federal de Pelotas - UFPel)

**Resumo.** O presente trabalho visa apresentar a trajetória de uma manifestação cultural, festiva e religiosa do 3º distrito do Rio Grande – RS, Povo Novo, denominada Cantoria de Santinho. Trata-se da prática do último Terno de Santos da localidade, o qual canta aos santos do mês de junho (Santo Antônio, São João e São Pedro) em prol de bênçãos às casas daqueles que abrem suas portas; num trajeto silencioso até a entoação do primeiro verso. Em outras discussões fora apresentado a *Cantoria* como um característico *patrimônio imaterial*, em situação vulnerável, dada sua raridade, e relevante no que tange à formação cultural da comunidade que o “pertence”. Em voga, o objetivo deste trabalho é discutir como a Cantoria de Santinho chega a inflamar o sentimento de pertencimento e a disponibilidade de comunhão daqueles que usufruem do seu rito *cosmoficante*, inserindo esta discussão entre as balizas da História e da Cultura. Para tal empreitada, o viés teórico e metodológico do Imaginário, bem como seu atento para os símbolos e imagens, é mais que conveniente, já que, como diria Gilbert Durand, é desta natureza (ritualística, religiosa, artística e mágica) que a teoria do Imaginário, ou da *Imaginação Simbólica*, se encarrega e vela, ou seja, o não-sensível, ou o supra-real; da mesma forma, intenta-se incluir nesta abordagem amplificadora o flanco *a-histórico* do homem, como trata Mircea Eliade daquilo que encontramos em qualquer cultura, tempo ou espaço, ou seja, as entranhas do *antropo* em sua formação. As conclusões deste trabalho se esbarram nas indagações que dele surgirão.

**Palavras-chave:** Cantoria de Santinho; Patrimônio Imaterial; Imaginário; Povo Novo – RS.

Financiamento: CAPES

### Considerações primeiras

O artigo desenvolvido para este evento tomara seus delineamentos no fim da graduação em História na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde a escolha pela ênfase em Patrimônio Histórico e Cultural fez com que surgisse o

interesse nas festas populares, principalmente de cunho religioso, que caracterizam-se como verdadeiros patrimônios imateriais. Neste movimento dá-se o intento de pesquisá-las no avanço dos estudos, ou seja, no mestrado. Ao entrar no mestrado em Educação, da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), deparo-me então com o campo teórico do Imaginário, onde a primazia pelo religioso, metafísico, folclórico e, assim, simbólico, norteia as pesquisas desta área, visando a lida do intangível. Assim, o objetivo deste trabalho é apresentar a prática Cantoria de Santinho, fomentada pelo imaginário do grupo que, à ela, da vida, e sua relação com as discussões acerca do patrimônio.

Se o caminho teórico, de formação, fora do Patrimônio ao Imaginário, na realidade da manifestação cultural em questão tal movimento é contrário. As relações do grupo, que tecem e mantém a Cantoria de Santinho viva e ativadora do compromisso entre este e a comunidade em que estão situados, se dá antes mesmo da identificação desta prática como um bem imaterial, como uma herança cultural – patrimônio.

Sustenta-se que esta manutenção periódica e de longa data, da prática festiva prezada nesta pesquisa, é provida por um imaginário comum aos que dela usufruem a existência. Desta forma, dizer que o Imaginário vem antes da relação com o bem – patrimônio, é propor uma reflexão sobre a origem desta manifestação e de todo o campo simbólico que a alimenta. Tais subsídios, do costuma à prática de um povo, podem ser verificados em léxicos como Cultura, História, Memória, ou até mesmo nos mitos, lendas, e as variantes tangentes a um folclore, a todo sempre renovado, legítimo e apaziguador do tempo.

O Patrimônio, por sua vez, após reconhecido e pertencido, reúne àqueles em que nele se vê caracteres de uma identidade comum. O reconhecimento pode ser entendido como um processo de contato, numa escala que pende ao íntimo. É neste interim sentimental onde o objeto (no caso, a Cantoria) exerce a função de espelho. Nele, ver-se e identificar-se é consequência óbvia, porém, e além, outro sentimento vem à *baila*, o de “pertença”. Há algo meu aqui! E vice-versa.

## **A Cantoria de Santinho, o que reverbera do imaginário**

A Cantoria de Santinho é a prática de um grupo chamado Terno de Santos. Este tem por intento saudar os santos juninos: Santo Antônio, São João e São Pedro, saindo em trajeto silencioso pelas ruas da comunidade e visitando as casas daqueles que almejam as bênçãos dos santos citados. Logo, após a chegada na casa do recepcionista, canta-se à porta. É neste momento onde o ritual desta manifestação – cultura, festiva e religiosa – contempla e “cosmofica” o tempo/espaço de seus praticante. A cantoria tem como característica a apresentação do Terno; a saudação aos moradores; a invocação do santo do dia; o pedido de licença para na casa entrar; e, então, se permitida a entrada (com o sinal do ascender das luzes e a abertura da porta) o Terno termina esta primeira parte do rito e, ao entrar na casa, todos se cumprimentam.

O Terno em questão é oriundo do Povo Novo, 3º Distrito do município do Rio Grande (RS), e tem como mestre o Sr. Paulo Jacaré (como é conhecido). O Terno é constituído por um quadro de integrantes onde consta o mestre (já citado), o contra-mestre, músicos (com violão, gaita, pandeiro e cubana), a bandeira/estandarte e os acompanhantes do Terno, os quais exercem a função de coral, ao entoarem – repetidamente - os versos feitos de improviso pelo mestre.

Nota-se certa originalidade nos versos da cantoria, dado o improviso do mestre ao construí-los e, da mesma forma, pela peculiaridade do santo a ser homenageado. Outro fator que diferirá na construção dos versos é a circunstância da visitação e o nome da pessoa que irá recepcionar o Terno. Termos que são introduzidos à conveniência do momento. No entanto, há uma constância simbólica, presente nas rimas e nas próprias palavras, as quais se repetem nas cantigas. E são estas pregnâncias simbólicas, lembrando Ernst Cassirer, os laços que significam a Cantoria de Santinho como germinadora de comunhão, pertencimento, cosmificação do tempo e alimento para o imaginário. Não caberá, aqui, apontar tais nuances, simbólica. Contudo, para apresentar o que se explana, eis um fragmento da cantoria do Terno de Santos do Povo Novo, tendo como mestre o Sr. Paulo Jacaré:

E ao chegar em sua casa, em cima de seu terreiro. (4x)  
Para tocar e cantar, licença peço primeiro. (4x)  
Cantamos de porta em porta, com São Pedro, padroeiro. (4x)  
Que do céu desceu à terra, por uma escada de flores. (4x)  
Presente de Jesus Cristo, pra visitar os moradores, (4x)  
Cantamos de porta em porta, na noite de inverno, (4x)  
Com a cantoria de um terno, viemos lhe visitar. (4x)<sup>1</sup>

Notamos que há uma repetição em cada linha (4 vezes), o que será constante em todos os versos de toda a cantoria. Contudo, há uma ordem no cantar: primeiramente o mestre entoia a rima e o verso, seguido por mestre e contra-mestre (na segunda vez) e por todo o coro (nas duas últimas vezes).



**Figura 1:** O Terno à porta de Beatriz (Mestre Jacaré de lenço vermelho e o gaiteiro Ivosni).

**Fonte:** Arquivo do autor

Após a cantoria, às portas dos recepcionistas, dá-se o movimento de entrada, após a permissão do recepcionista que ascende a luz e abre a porta. O Terno,

<sup>1</sup> Fragmento da cantoria à São Pedro (2014), em Povo Novo – chegada do Terno de Santos à casa de Beatriz.

então, agradece a hospitalidade e abençoa o lar, na invocação do santo do dia. No caso da cantoria escolhida, São Pedro. No decorrer todos se cumprimentam, como dito anteriormente, e os integrantes se “acomodam” em algum canto da sala/salão e o *bailão* começa, com músicas típicas do Rio Grande do Sul – gauchescas. Em contrapartida, os moradores da casa, agora abençoada, oferecem alimentos típicos do período junino (pipoca, rapadura, amendoim etc), juntamente com bebidas etílicas e o chimarrão, bebida símbolo do Estado. A prática, iniciada e regida pelo espírito religioso (sagrado), agora anima os participantes, tomando um cunho festivo (profano).



**Figura 2:** O Terno é recepcionado.

**Fonte:** Arquivo do autor.

À guisa de diferenciação, com o exposto, é perceptível que o Terno de Santos diferencia-se no Terno de Reis, já que este último promove a celebração religiosa do nascimento do Cristo, logo, no período de dezembro. Ambos são motivados pelo exercício da religiosidade e pela mobilização de um grupo, o qual se identifica com esta prática, fortalecendo a ideia de pertencimento. No entanto, as origens destes movimentos parecem divergir. A herança da matriz religiosa e festiva

destas práticas liga-se aos povos açorianos e, possivelmente, portugueses. Em Osório/RS, por exemplo, a manifestação cultural dos inúmeros Ternos de Reis transformam a localidade em polo de estudos deste movimento (SILVA; RIBEIRO, 2013). Contudo, a prática da Cantoria de Santinho, ou Terno de Santos, propõe uma possível originalidade, já que estudos acerca da temática “festas” em território açoriano, e pesquisas, em solo Português<sup>2</sup>, não citam o Terno de Santos. Mesmo assim, àqueles que vivem a comunhão do Terno, principalmente seus integrantes e o próprio mestre, identificam uma herança açoriana na Cantoria de Santinho.

### **Dos Campos do Imaginário e do Simbólico**

Caminhar pelos campos teóricos do Imaginário requisita um olhar amplificador, o qual não tem como único foco àquilo que está ao centro de sua vista, mas toda a periferia imagética que não apenas circunda o fato ou o objeto, mas, neste caso, os invade em toda sua profundidade. Ainda mais, trabalhar nestes campos é sulcar a terra fértil das imagens simbólicas que surgem do homem, e para o homem, adotando instrumentos que convirjam nas proposições teóricas que regem a labuta. Resultando que, para se trabalhar com o Homem é necessário levar em memória a sua natureza complexa e dual, de matéria e espírito, razão e emoção, consciência e inconsciência dentre outras presenças duais neste Ser-Humano que caracteriza-se, por tal essência, um homem Histórico mas, também e sobretudo, a-histórico, *simbolicus* e *religiosus*. Eliade nos diz que,

Cada ser histórico traz em si uma grande parte da humanidade anterior à História. (...) a parte a-histórica de todo o ser humano não se perdeu, como se pensava no século XIX, no reino animal e, finalmente, na “Vida”, mas, ao contrário, bifurca-se e eleva-se bem acima dela: essa parte a-histórica do ser humano traz, tal qual uma medalha, a marca da lembrança de uma existência mais rica, mais completa, quase beatificante. (ELIADE, 1991, p. 9)

Mircea Eliade não atenda contra a História ao nos trazer o verso a-histórico do Homem (não esqueçamos que Eliade era um historiador). O que Eliade ressalta

---

<sup>2</sup> O período de intercâmbio, durante a graduação (2013-2014), na Universidade do Algarve – Portugal, proporcionou o contato com professores, conhecedores da cultura portuguesa e das manifestações festivas e religiosas locais, os quais relataram desconhecer ternos que cultuassem os santos dos meses de junho e julho;

pode ser traduzido como a natureza espiritual humana que perpassa os contextos históricos, suas nuances e influências. Assim,

Escapando à sua historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na “animalidade”; ele reencontra a linguagem e, às vezes, a experiência de um “paraíso perdido”. Os sonhos, os devaneios, as imagens de suas nostalgias, de seus desejos, de seus entusiasmos etc., tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionado em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado do seu “momento histórico”. (ELIADE, 1991, p. 9)

É neste “paraíso perdido” onde toda uma complexidade vive, pulsa e dá sentido à humanidade – paraíso tangente à razão, ao tempo e espaço. Logo, é neste recanto que toda a poética do ser, enquanto humano, encontra meios para sua existência meta-histórica. Contudo, esta vivência é plausível em âmbito amplificador onde o exercício da significação não é, pela razão, reduzida. Eliade aponta que “[o] inconsciente, como é chamado, é muito mais “poético” – e, acrescentaríamos, mais “filosófico”, mais “mítico” – que a vida consciente. Nem sempre é necessário conhecer” (ELIADE, 1991, p. 10).

É justamente neste “tempo/espaço” que o Terno e Santos se situa no momento do rito, o qual apazigua a realidade dos envolvidos, num cíclico *eterno retorno*, de festa em festa, ano a ano. O que liga Homem a Homem, no contexto da festividade, é justamente o que há de *a-histórico* nos mesmo, seus desejos, suas emoções, suas ancestralidades, somadas ao flanco histórico destes, que configuram o patrimônio como seu, dotado de identidade, pertencimento e, assim, valorização.

### **Da comunhão fermentada pelo imaginário ao Patrimônio**

A Cantoria de Santinho, pelo que foi citado até então, caracteriza-se como uma prática peculiar, festiva, que reúne um grupo de pessoas engajadas na manutenção desta manifestação cultural, a qual vem a identifica-los. Caracteriza-se, assim, como um patrimônio imaterial, além de sugerir, por sua raridade, seu estudo, registro e salvaguarda, como afirma Cleuza Maria Gomes Graebin:

Considerar as festas como patrimônio imaterial, é reconhecer os seus significados específicos e o seu universo de sentidos em espaços historicamente datados. O inventário, a pesquisa e a sua divulgação, valorizam e colocam este patrimônio a serviço do presente, num trabalho de ativação da memória social, recuperando conexões e tramas perdidas,



promovendo a sua apropriação pelas comunidades, reconstruindo e/ou reforçando identidades, auto-estima e capacitando pessoas para que não permitam a extinção de valores culturais. (GRAEBIN, 2007, p.01)

Antes disso, a Constituição Federal de 1988 tratou por definir o conceito de Patrimônio Cultural, incluindo sua imaterialidade, no seu artigo 216: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988, [s/p]). Além disso, temos a denominação da Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, de 2003, a qual aponta para a preservação dos bens intangíveis, estes sendo:

(...) práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, parte integrante de seu patrimônio cultural (Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, 2003, p.1).

A configuração da Cantoria de Santinho como um patrimônio imaterial do meio rural, se faz notável por suas peculiaridades, que estão interligadas aos aspectos e interesses comuns, inculcidos na realidade *pongondó*<sup>3</sup>. Como patrimônio, ele é repassado, mesmo com dificuldades, através das gerações e mantido o mais original possível, salvo as interações ambientais e sua disposição à renovação.

As línguas românicas utilizam derivações do latim *patrimonium*, para tratar de uma propriedade, esta, herdado do pai ou antepassados (FUNARI, 2001). Essa herança é dotada de uma valorização que ultrapassa gerações, dando aspectos próprios para um determinado bem. Entretanto, entendemos o patrimônio como um suporte referencial, provido da possibilidade de identificação e pertencimento, mesmo que, ainda hoje, “(...) o patrimônio confunda-se com herança, cuja presença pode ser verificada à nossa volta e que reivindicamos como nossa, tanto mais que estamos prontos a tomar providências para assegurar sua preservação e inteligibilidade” (POULOT, 2009, p. 17). A evolução dos estudos patrimoniais se mostrou constante e interferiu, de modo positivo, no aspecto cultural de diversos grupos – como por exemplo os movimentos sociais – abordando aspectos populares do passado, e desmistificando o “pretérito oficial”, gerenciado, em suma, pela elite política e intelectual.

---

<sup>3</sup> Habitante do Povo Novo, o que é do Povo Novo.



## Visando o “concluir”

Apresentar a Cantoria de Santinho, proveniente do Terno de Santos do Povo, este regido pelo mestre Paulo Jacaré, foi o intento primevo na realização deste trabalho, com o objetivo de trazer uma rápida discussão acerca da simbólica e do imaginário, como agregadores no processo relacional do Homem no seu âmbito mais íntimo e primeiro. Após, engendrou-se a discussão patrimonial no intuito de ver O Terno de Santos como um legítimo patrimônio imaterial da comunidade do Povo Novo – caminhado, então, dos flancos de um Imaginário comum aos praticantes do Terno, o qual mantém e evolui a manifestação junina aqui apresentada, até sua caracterização, e percepção, patrimonial.

As discussões, hora apresentadas, retratam minha inserção no mestrado em Educação, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), e meu novo olhar para uma prática cultural pouco conhecida na região, mas que mantém viva sua chama graças à comunhão de pessoas que, por questões simbólicas, aderem ao rito que cosmifica o tempo dos mesmos e, assim, suas vidas. Ver com os olhos do Imaginário e do simbólico, é perceber a realidade elevada à expoentes sensíveis, que amplificam os significados desta prática que identifica, educa e agrega pessoas.

A pesquisa aqui “comentada”, está em plena aurora, conhecendo novos autores, teorias e conceitos, apaziguadores neste ambiente científico que é a academia. Assim, pouco se conclui neste alvorecer da labuta. Contudo, apresentar os Ternos de Santos, suas peculiaridades e sentidos, é dar voz e visibilidade à comunidade do Povo Novo, em específico à cultura *pongondó*.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição**. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao.htm). Acesso em: 15 Ago. 2011.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FUNARI, P. P. A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**. Porto, 41, ½, 2001, 23-32.

GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. **Festas de origem açoriana no Rio Grande do Sul**. ANPUH – XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – São Leopoldo, 2007.

PELEGRINI, S. C. A.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2011.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente: séculos XVIII-XXI**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SILVA, Marina Raymundo da; RIBEIRO, Pascoalino. Os Ternos de Reis em Osório (com apresentação de ritmo musical vivenciado costumeiramente pelos grupos por volta de 1862). **Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore - UFSC**, Florianópolis, 14 a 18 de outubro de 2013.